ISSN: 2358-8829

SENTIDOS DO RETORNO ESCOLAR: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA EJA EM FOCO

Mabli Nadjane Barbosa Barreto[1]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se historicamente como um espaço de tensões, resistências e, simultaneamente, de promessas de emancipação social no cenário educacional brasileiro. Longe de ser apenas uma modalidade de ensino supletiva ou compensatória, voltada para a correção de fluxo ou para a alfabetização tardia de contingentes populacionais marginalizados, a EJA abriga sujeitos cujas trajetórias de vida foram marcadas por rupturas, exclusões estruturais e negações sistemáticas de direitos fundamentais.

O retorno à escola por parte de jovens, adultos e idosos não representa um movimento linear ou desprovido de conflitos; ao contrário, ele é atravessado por múltiplas dimensões existenciais, econômicas, culturais e afetivas que moldam os sentidos atribuídos ao ato de estudar na vida adulta.

O presente trabalho insere-se nesse debate ao propor uma investigação aprofundada sobre os processos de retorno e permanência na EJA, constituindo-se como um desdobramento orgânico de pesquisas prévias desenvolvidas em nível de mestrado no campo da Crítica Cultural. Se a formação docente e as políticas públicas macroestruturais já foram objeto de reflexão crítica em momentos anteriores, faz-se imperativo, neste recorte, deslocar o foco analítico para o protagonismo discente.

O centro da investigação recai sobre as vozes, as memórias e as narrativas daqueles que ocupam os bancos escolares da EJA, compreendendo-os não como meros receptores de saberes, mas como sujeitos produtores de conhecimento, portadores de saberes construídos nas experiências de trabalho, nas lutas cotidianas e nas margens da sociedade capitalista contemporânea.

[1]Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em História da Cultura Afro-brasileira. Graduada em Biologia e em Direito. Professora de Biologia da Rede Estadual de Ensino da Bahia. barretomabli@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

A justificativa implícita desta pesquisa reside na urgência de confrontar os índices alarmantes de evasão e abandono escolar que historicamente acometem a EJA. Compreender o que motiva o estudante a retornar à sala de aula após anos de afastamento — e, sobretudo, quais fatores operam como impulsionadores ou barreiras para a sua permanência — é um exercício de escuta sensível que dialoga diretamente com a garantia do direito à educação ao longo da vida.

No contexto específico da região nordestina, em um colégio estadual situado em Salvador, Bahia, essas dinâmicas ganham contornos socioculturais singulares, marcados por desigualdades raciais, socioeconômicas e regionais que exigem um olhar situado e descolonial.

Nesse horizonte, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar os sentidos atribuídos por estudantes da EJA ao retorno escolar, investigando os fatores que interferem na trajetória rumo à conclusão da educação básica.

Como desdobramentos analíticos, busca-se especificamente: a) mapear as motivações subjetivas e materiais que impulsionam o regresso à escola na vida adulta; b) identificar as principais barreiras institucionais, pedagógicas e socioeconômicas que ameaçam a permanência estudantil; e c) examinar de que modo as narrativas discentes ressignificam as identidades e as expectativas de futuro desses sujeitos.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, estruturada sob a forma de um estudo de caso realizado com discentes da Etapa 7 de ensino em uma unidade da rede pública estadual em Salvador. A triangulação metodológica — articulando entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação não participante — assegura a densidade empírica necessária para capturar a complexidade das experiências narradas.

Teoricamente, o estudo ancora-se nos fundamentos da pedagogia dialógica freireana e na perspectiva decolonial, operando a partir de uma recusa epistemológica às amarras eurocêntricas e tecnicistas que historicamente desqualificam os saberes populares. A decolonialidade convoca-nos a desatar os nós do poder colonial que ainda estruturam as instituições escolares, transformando a sala de aula da EJA em um território de diálogo intercultural e de desobediência epistêmica.

Por fim, no tocante aos resultados e às discussões, antecipa-se que a sistematização das narrativas discentes revela um duplo movimento: de um lado, a escola é concebida como ferramenta de ascensão social, resgate da autoestima e emancipação cidadã; de outro, ela tensiona as limitações de estruturas curriculares rígidas e excludentes. Espera-se, com este

ISSN: 2358-8829

estudo, fornecer subsídios teóricos e práticos para a formulação de práxis pedagógicas emancipatórias, contribuindo para que as políticas públicas da EJA transcendam o mero acesso quantitativo e alcancem a garantia radical da permanência e do sucesso escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo e crítico, compreendida como o caminho metodológico mais adequado para investigar fenômenos sociais complexos e imersos em contextos culturais específicos. No âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os processos de retorno e permanência escolar não se reduzem a variáveis puramente estatísticas ou quantitativas, pois carregam significados existenciais, afetivos e políticos que exigem uma escuta atenta, sensível e contextualizada das experiências dos sujeitos.

Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como um estudo de caso delimitado espacial e temporalmente em uma unidade da rede pública estadual de ensino localizada em Salvador, Bahia. O foco empírico recai sobre os estudantes matriculados na Etapa 7 da modalidade, fase que representa um momento nevrálgico de fronteira entre a superação de barreiras históricas e a conclusão do ciclo de estudos na educação básica.

Para assegurar a densidade e a confiabilidade dos achados, a investigação adota a triangulação de métodos, articulando entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação não participante. As entrevistas constituem o núcleo central da escuta discente, fundamentadas em um roteiro flexível que permite aos estudantes narrar livremente suas trajetórias de afastamento e regresso à escola, os desafios cotidianos de conciliar trabalho, família e estudos, e os sentidos atribuídos à permanência na EJA, sendo as falas gravadas e posteriormente transcritas para análise.

Essa escuta empírica é complementada pela análise documental, que abrange o exame de diretrizes orientadoras da EJA na rede estadual baiana, o projeto político-pedagógico da escola selecionada e registros institucionais, permitindo confrontar o discurso oficial com a realidade cotidiana. Soma-se a esse panorama a observação não participante, conduzida no ambiente escolar com registros sistemáticos em diário de campo acerca das interações em sala de aula e do clima institucional.

No tocante aos aspectos éticos, o estudo cumpre rigorosamente as normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, assegurando o anonimato dos participantes por meio do uso de codinomes, a formalização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a salvaguarda do direito ao uso de depoimentos. Por fim, o tratamento

ISSN: 2358-8829

do material empírico orienta-se pela análise de conteúdo temática, visando identificar categorias analíticas que dialoguem com o referencial teórico e iluminem os sentidos do retorno escolar sob a perspectiva dos próprios sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão dos sentidos atribuídos ao retorno escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige, preliminarmente, uma ruptura com as perspectivas funcionalistas e compensatórias que historicamente reduziram essa modalidade de ensino a uma mera política de correção de fluxo ou de alfabetização instrumental. Conforme aponta Arroyo (2017), a EJA não pode ser pensada à margem da totalidade social, mas deve ser compreendida como um território onde se manifestam as fraturas e as desigualdades estruturais do Estado brasileiro. Os sujeitos que frequentam a EJA são, em sua maioria, trabalhadores e trabalhadoras marcados por trajetórias de exclusão socioeconômica, racial e territorial, cujas vidas foram submetidas a uma pedagogia da negação de direitos que os afastou precocemente da escola regular.

Nesse horizonte, o retorno à sala de aula na vida adulta constitui um movimento complexo de reexistência. Freire (2019) ensina que a educação é um ato político e dialógico, indissociável da leitura do mundo que precede a leitura da palavra.

Para os estudantes da EJA, voltar a estudar não representa apenas a busca por uma certificação formal ou uma credencial exigida pelo mercado de trabalho precarizado; trata-se de um processo profundo de ressignificação identitária, de resgate da autoestima e de exercício de cidadania. O ato de retornar à escola revela a recusa em aceitar a exclusão como um destino intransponível, transformando o espaço escolar em um lócus de luta e de reelaboração de projetos de futuro.

Contudo, a permanência desses sujeitos esbarra em barreiras sistêmicas que evidenciam a colonialidade do poder e do saber, conceitos fundamentais delineados pelo pensamento decolonial (QUIJANO, 2005; WALSH, 2013). A colonialidade opera nas estruturas institucionais reproduzindo padrões eurocêntricos, excludentes e rígidos de organização curricular, de temporalidade escolar e de avaliação, que ignoram os saberes, os ritmos e as sabedorias construídas pelos adultos em suas experiências de vida e de trabalho.

Como argumenta Di Pierro (2020), as políticas públicas de EJA têm oscilado historicamente entre a expansão quantitativa do acesso e a precariedade das condições de

ISSN: 2358-8829

permanência, negligenciando o fato de que a permanência estudantil depende diretamente de uma pedagogia que acolha a diversidade e reconheça o protagonismo discente.

Articulando essas reflexões ao campo da Crítica Cultural, as narrativas dos estudantes da EJA emergem como lugares de enunciação privilegiados, onde se cruzam memórias de opressão e desejos de emancipação.

As histórias de vida desses sujeitos expressam as marcas deixadas pelas desigualdades regionais e sociais — aspecto particularmente agudo no contexto urbano de Salvador, Bahia, onde marcadores de raça, classe e espaço geográfico cruzam as vivências cotidianas. Dar voz a essas narrativas significa praticar uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), deslocando o eixo central do conhecimento do professor-instrutor para a sabedoria experiencial do estudante-trabalhador.

Portanto, fundamentar teoricamente a pesquisa na articulação entre a pedagogia dialógica, a perspectiva decolonial e a escuta das narrativas discentes permite enxergar a EJA não como um espaço de carência, mas como um espaço de potências. É a partir desse referencial que se torna possível analisar como os sentidos do retorno escolar se tensionam entre a rigidez das estruturas formais e a ânsia de transformação social, fornecendo bases sólidas para a investigação das trajetórias dos estudantes na Etapa 7 da educação básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material empírico obtido junto aos estudantes da Etapa 7 da EJA em Salvador, Bahia, revela um cenário complexo e multifacetado, permitindo estruturar os achados em categorias analíticas que dialogam diretamente com a perspectiva decolonial e a pedagogia dialógica.

Longe de constituírem um bloco homogêneo, as narrativas dos discentes evidenciam que o retorno escolar é impulsionado por tensões entre necessidades materiais imediatas e profundas aspirações subjetivas de ressignificação existencial. A primeira categoria analítica emergente diz respeito às motivações para o regresso aos estudos, onde sobressai o desejo de superação da subalternidade impuesta pelo mercado de trabalho precarizado.

Os relatos demonstram que a busca pela conclusão da educação básica não se resume ao pragmatismo da obtenção de um diploma, mas articula-se à urgência de reconquistar a dignidade cidadã e ocupar novos espaços sociais. Como apontam as falas dos sujeitos, voltar à escola na vida adulta é um ato de coragem diante de uma trajetória marcada pela interrupção

ISSN: 2358-8829

precoce dos estudos, motivada historicamente pela necessidade de sobrevivência econômica e pela exclusão estrutural.

Nessa direção, os resultados corroboram as teses de Arroyo (2017) ao escancarar como a pobreza e a desigualdade operam como mecanismos de expulsão precoce das camadas populares do sistema escolar. No entanto, o retorno à EJA revela a recusa desses sujeitos em aceitar o veredito da exclusão. A sala de aula deixa de ser apenas um espaço físico de instrução e passa a ser ressignificada como um território de reexistência e acolhimento.

As narrativas evidenciam que o vínculo afetivo estabelecido com o coletivo escolar e a identificação com pares que partilham de histórias de vida semelhantes funcionam como pilares fundamentais para a superação do sentimento de inadequação que muitos adultos trazem consigo ao reingressar no ambiente acadêmico. Esse acolhimento institucional atua como um antídoto direto à colonialidade do saber, que historicamente culpabiliza o indivíduo pelo seu fracasso escolar, transferindo o foco da carência pessoal para a necessidade de transformação das práticas pedagógicas.

Por outro lado, a discussão dos dados empíricos aponta para barreiras persistentes que ameaçam constantemente a permanência estudantil na EJA, revelando as fraturas das políticas públicas voltadas para a modalidade. A exaustão decorrente de jornadas duplas ou triplas de trabalho — característica marcante da realidade urbana de Salvador —, somada aos encargos familiares e às precárias condições de transporte público, impõe obstáculos severos à frequência regular e ao rendimento escolar.

Os estudantes relatam o esforço sobre-humano necessário para conciliar o cansaço físico do trabalho informal ou precarizado com as exigências de um currículo escolar que, muitas vezes, permanece engessado em moldes propedêuticos e descontextualizados da realidade adulta. Essa dissonância entre o tempo da vida e o tempo da escola evidencia a permanência de estruturas coloniais no cotidiano institucional, que exigem do aluno a adaptação a um formato rígido em vez de flexibilizar a práxis pedagógica para abraçar a diversidade existencial dos educandos.

A articulação entre essas vivências e o referencial teórico decolonial permite compreender que a permanência na EJA vai muito além da simples retenção estatística; ela demanda uma desobediência epistêmica que valorize os saberes experienciais trazidos pelos estudantes.

Quando a escola silencia as narrativas, as memórias e os saberes do trabalho popular, ela reitera a opressão; por outro lado, quando a prática pedagógica dialoga com a leitura de

ISSN: 2358-8829

mundo desses sujeitos — tal como preconizado por Freire (2019) —, a permanência ganha sentido e consistência.

Portanto, os resultados e discussões demonstram que garantir o sucesso escolar na Etapa 7 da EJA exige superar políticas compensatórias inócuas e avançar rumo a um projeto educacional emancipatório, que reconheça no protagonismo discente a força motriz para a ressignificação da escola pública contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação empreendida ao longo deste estudo permitiu iluminar os complexos sentidos que circundam o retorno escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como eixo central as narrativas de estudantes da Etapa 7 em um colégio estadual de Salvador, Bahia.

Longe de enxergar a EJA sob o prisma reducionista da compensação ou da mera correção de fluxo, a pesquisa evidenciou que o regresso aos bancos escolares na vida adulta configura-se como um ato profundo de reexistência, resistência política e ressignificação identitária. As vozes dos sujeitos revelam que a busca pela conclusão da educação básica articula-se simultaneamente à urgência de superação da subalternidade imposta pelo mercado de trabalho e ao desejo de reconquistar a dignidade cidadã e o protagonismo social.

Os achados demonstram que, embora a escola seja concebida pelos estudantes como um espaço estratégico de emancipação e ascensão, a sua permanência é constantemente tensionada por barreiras estruturais severas.

A exaustão decorrente das duplas e triplas jornadas de trabalho, as desigualdades socioeconômicas e regionais marcantes no contexto soteropolitano, e a persistência de currículos rígidos e descontextualizados evidenciam as amarras da colonialidade do poder e do saber nas instituições educacionais.

Nesse cenário, a permanência estudantil não pode ser tratada como um mero indicador quantitativo de rendimento, mas exige uma práxis pedagógica dialógica e decolonial, capaz de acolher a diversidade existencial e validar os saberes experienciais trazidos pelos educandos.

Como prospecção para a comunidade científica e para o campo educacional, este estudo sinaliza a urgência imperativa de repensar as políticas públicas de EJA para além do acesso, garantindo condições materiais e pedagógicas efetivas que assegurem o sucesso escolar.

É fundamental que as instituições de ensino transitem de um modelo escolar excludente para espaços de desobediência epistêmica, onde o diálogo freireano sirva de base para a construção de currículos integrados e emancipatórios. Por fim, longe de esgotar a complexidade do tema, a pesquisa abre caminhos férteis para a realização de novos estudos e investigações empíricas focadas no redimensionamento das práticas pedagógicas e na escuta ativa das vozes que historicamente ocuparam as margens da educação brasileira.

Palavras-chave: Decolonialidade; Educação de Jovens e Adultos; Narrativas discentes; Permanência estudantil; Retorno escolar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA - itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF –** Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.*In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: EdicionesAbya-Yala, 2013.